**CAMIRÃ, A QUINIQUINAU**

*(Visconde) Alfredo d'Escragnolle Taunay (vulgo Sylvio Dinarte)*

Camirã era uma infeliz velha quiniquinau, que passava os dias a prantear a morte de um filho único, baleado em ação de guerra pelos paraguaios.

Os seus olhos não derramavam lágrimas; mas o seu corpo mirrado pela consumição mostrava que uma dor imensa ia aos poucos lhe devorando a vida. Tudo era motivo para recordar-lhe o valente mancebo, que o chumbo inimigo havia feito cair para sempre nos campos do Aquidauana. O sol que irrompia deslumbrante, a lua que despontava serena, a nuvem que corria nos céus, a chuva que umedecia o solo, o vento que gemia ou a brisa que sussurrava, traziam-lhe de pronto à lembrança algum fato que se prendia à existência de seu adorado filho.

Então Camirã, em voz alta e trêmula, num canto que mais tinha de resignação do que de desespero, contava como e quando ele havia contemplado o sol ou a lua a nascerem, quando fitara a nuvem passageira, se abrigara da chuva, contendera com o furacão ou refrescara o corpo às carícias de branda aragem.

Vivia agora da caridade dos seus, caridade, porém, sem vexame para quem a recebia, por isso que todos à porfia vinham espontaneamente depor em sua choupana algum alimento escasso sem dúvida, pois para todos escasseara, mas dado de coração.

Nesse tempo, a gente quiniquinau experimentava uma dura provança. Expulsa em princípios do ano de 1865 pelo terror da invasão paraguaia que então assolara repentinamente o distrito de Miranda, havia ela vagado longos meses por matas e agruras antes de poder assentar arraiais ao abrigo do inimigo.

Também quem deixará de sofrer!

A coluna devastadora vinha dirigida pelo coronel Resquin que, em nome da república do Paraguai, levará inopinadamente a guerra ao seio do Brasil.

O ataque havia sido tão pouco esperado que os batalhões paraguaios, sem oposição alguma à sua marcha de conquista, foram tangendo adiante de si toda a população tomada de surpresa e possuída de imenso pavor.

Ao passar a divisa do Império, Resquin destacara de sua força de mais de cinco mil baionetas uns seiscentos homens para irem abafar a resistência do tenente Antonio João na colônia de Dourados.

Valente homem aquele tenente!

Isolado no fundo dos sertões, sentinela perdida da fronteira, morreu como herói, ao lado de onze companheiros em quem infundira a coragem e o patriotismo que lhe inflamavam o peito.

Não podia esperar socorro de ninguém. Encerrado em sua paliçada, tinha diante e ao redor de si a imensidade do deserto.

Avisado dois dias antes, que para Dourados marchava uma força imponente, não quis desamparar o posto. Reuniu a gente da colônia e fez-lhe uma fala em que citou francês e até latim.

O homem tinha pretensões literárias que afagava com certo orgulho, e se revelavam nos ofícios mensais que costumava dirigir ao chefe militar de Nioac.

Nessa fala ele expôs as circunstâncias em que se achava a colônia e a loucura da resistência, e terminou dando a todos licença para o abandonarem.

Ele ficaria. – Para quê? Perguntaram uns soldados. – Para morrer! Onze de seus comandados declararam que ficariam também. Todos os mais partiram: mulheres, crianças, velhos e até moços. Antonio João esperou então os inimigos da pátria. Fez içar a bandeira do Brasil e preparou com esmero o ofício com que havia de responder à intimação do invasor. No dia 28 de dezembro de 1864 um soldado, que saíra a cavalo a devassar a redondeza, voltou a galope. A vanguarda paraguaia vinha já aparecendo. Antonio João mandou tocar a reunir e distribuiu os seus onze fieis pela paliçada. Cada um tinha uma espingarda a Menié, duas clavinas carregadas ao lado e não lhes faltava nem munição, nem valor.

Por todos os lados se abriam campos imensos, campos que já se iam tingindo de vermelho. Eram os paraguaios, cujas blusas cor de sangue vivo maculavam a verdejante relva.

– Estão todos prontos? Perguntou Antonio João à sua gente. – Todos, responderam os onze. – Então amparem-se com Deus, porque ninguém se entrega. – Ninguém! Repetiram os onze.

Era Leônidas no meio dos lacedemônios. De repente soou o clarim paraguaio. Um parlamentário se aproximava. A bandeira brasileira desdobrou-se aos ventos do deserto. Parecia ufana de abrigar aqueles doze sublimes insensatos. Losango amarelo sobre fundo verde; cores que mandam um sorriso de consolo ao moribundo, quando ele lhes deita o olhar de adeus no campo da batalha. A coroa imperial como que preparava-se para descer sobre aquelas cabeças, transformada em coroa de glória.

Antonio João prezava-se de civilizado: recebeu, pois, com a maior cortesia o enviado.

A intimação era curta: meia dúzia de palavras, insolentes, como costumavam alinhar os generais de Lopez.

O comandante de Dourados rasgou em pedaços o ofício que preparara com tanto cuidado e carinho, e a lápis traçou esta resposta:

“Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo da minha pátria.”

E assinou com mão firme:

“Antonio João da Silva.”

Os paraguaios o chamaram de louco, e nem faltou brasileiro que ao depois dissesse o mesmo.

Retirou-se o parlamentário, e a força inimiga em distância cercou todo o campo. Para qualquer lado que os defensores de Dourados deitassem os olhos, viram um cordão vermelho que vinha se apertando.

Na guarnição não houve alma que fraqueasse. Quanto mais se demorava aquele ataque desproporcionado, mais crescia o entusiasmo.

– Viva o Imperador! Gritou de repente Antonio João.

Era o sinal de fogo. Os brasileiros dispararam a um tempo as armas, ligeira detonação para aquelas vastidões, respondida por uma imensa repercussão.

O herói brasileiro caiu ferido mortalmente. – Fogo, minha gente, fogo! Gritou ele nos arrancos da agonia. Raros obedeceram à ordem. Daí a pouco era arreada a bandeira da paliçada, mas ela desceu com ufania como bandeira de vitória e, quando tocou o chão, uma das suas dobras foi se ensopar no sangue daqueles que tanto a haviam enobrecido.

Parecia enrubescer de orgulho. Os paraguaios fizeram justiça a Antonio João. – Era um valente! Disseram eles. Se o Brasil tiver muito desses, a nossa marcha por Mato Grosso não será um simples passeio militar, como nos contaram. Outra vez repetiram isto.

Foi alguns dias depois, perto do rio Feio para lá da colônia de Miranda seis léguas. Aí quem se impôs à admiração dos inimigos foi um paisano, Gabriel Barbosa. Era mineiro esse; fazendeiro perto de Nioac, homem já feito, robusto de corpo e estimado. Devia se casar quando arrebentou a invasão e trocou as vestes de noivo pelo manto de morte. Dizem que ambos no céu se talham.

Quando em Nioac, a 26 léguas da fronteira, soube-se que o Apa estava transposto e que Resquin vinha marchando para o Norte, o comandante do corpo de caçadores a cavalo fez os seus cento e quarenta soldados, apenou alguns paisanos de boa vontade e marchou ao encontro do inimigo.

Esse comandante gozava de bom nome e estava em condições de prestar grandes serviços. Benquisto dos seus subordinados e respeitados por todos, podia ter dirigido em regra a resistência: entretanto mostrou que servia mais para o sossego da paz do que para as contingências da guerra.

Em todo o caso julgou de dever ir em pessoa conhecer a força que pisava terras brasileiras.

Não caminhou muito.

A seis léguas de Nioac parou no rio Feio: do outro lado, encoberta pela mata, estava a coluna paraguaia; mais de cinco mil homens, já dissemos.

Era no dia 31 de dezembro de 1864. Muita gente pensou que não veria o ano novo. No rio Feio cambiaram-se notas: Resquin, o comandante paraguaio, mostrou alguma polidez: o brasileiro respondeu-lhe, apurando o tom. Trocaram-se amabilidades antes das balas. Era uma imprudência ter chegado até lá: maior ainda estar a perder tempo. O que convinha ter feito, fora recuar em ordem de Nioac, para o que sobrara tempo, arregimentar toda a população válida e os centenares de índios que se apresentaram em Miranda espontaneamente, armá-los e esperar os invasores nos angustos e emboscadas. Assim caro teriam pago o seu arrojo.

Em lugar de uma retirada aconselhada pelas circunstâncias, retirada que poderia ter produzido uma resistência notável, o comandante do corpo de caçadores a cavalo, imprudentemente, viu a sua tropa quase toda debandada na volta para Nioac e, incutindo terror pânico em todos os habitantes, foi atropeladamente para a vila de Miranda, onde tomou rumo de Sant’Anna do Paranaíba, depois de uns dias de vacilação que mais concorreram para destruir qualquer intenção de pôr peito à invasão estrangeira.

Aquele oficial, cuja fé de ofício era honrosa, de certo num dia de combate havia de sustentar com dignidade a sua posição, mas não tinha cabeça para organizar a defesa de uma grande zona.

Ah! Se fora Antonio João!

Como dizíamos, Gabriel Barbosa se alistará entre os voluntários. Montava um cavalo magro e trazia uma espingarda de dois canos de caçar onças.

A manhã de 1 de janeiro de 1865 raiou, quando o tiroteio já havia começado. Na mata da margem esquerda do rio Feio estavam emboscados os paraguaios, na da direita os brasileiros, isto é, soldados de cavalaria que haviam posto pé em terra. Comandava-os um valente capitão, Pedro José Rufino, homem envelhecido nas fileiras, cheio de serviços e esquecido há muito no fundo de Mato Grosso.

Os nossos atiravam bem, e em outro vulto vestido de baeta vermelho estirado no chão imóvel mostrava a certeza do fogo. Um cadáver rolará mesmo pela barranca abaixo e tingia de sangue a água em que mergulhava o tronco.

A fuzilaria rolava forte, quando soou um grito: – Os paraguaios estão passando o rio! Imediatamente o clarim do 1o corpo de caçadores deu sinal de retirar. De fato já dois esquadrões de cavalaria paraguaia estavam na margem direita e vinham a rédea solta sobre os brasileiros. A princípio os nossos retrocederam rapidamente, mas guardando ainda cada qual o seu lugar na fileira; depois a carreira foi-se acelerando, tornando-se vertiginosa, e ao passo que muitos deixavam a estrada geral para se atirar nas matas, os outros mais fincavam as esporas nos ventres de seus cavalos.

Então já não havia mais ordem nem respeito à hierarquia; tratava-se de correr. De repente Gabriel Barbosa sentiu a cavalgadura afrouxar. O inimigo, apesar de todos os esforços, ainda vinha bastante longe, de modo que um soldado, ao passar pelo mineiro, parou por um pouco e lhe perguntou: – O seu cavalo bombeou?

– Não pôde mais consigo...

– Pois bem, então faça como eu; fréche para aquele capão que nós caímos logo na mata do Nioac.

– Não, replicou Barbosa. Estou cansado de correr... Eu fico aqui... – Mas aqui é morte certa! O outro fez um gesto de pouco caso. – Ao menos, disse ele, não mostrarei só as costas aos paraguaios.

E descendo do cavalo, deu-lhe liberdade. Depois escovou com cuidado a sua arma e parou imóvel no meio da estrada.

Ao vê-lo firme, um dos perseguidores, que tomara a dianteira aos outros, apressou ainda mais a carreira que trazia.

Com o rosto braseado de ardor bélico, fazia na mão direita rodar uma espada voraz de sangue, e na esquerda mantinha as rédeas frouxas. Ouvia atrás de si o galopar dos companheiros e queria colher a gloria de matar o primeiro brasileiro.

Gabriel Barbosa fez pontaria com vagar e calma. Um tiro ecoou, e o cavaleiro paraguaio cai, soltando um grito de agonia. Um segundo teve igual destino e rolou ferido por certeira bala, mas a esse tempo cinco ou seis outros se haviam atirado sobre o brasileiro e depressa o prostraram sem vida, todo golpeado e lanceado.

Ainda hoje, nesse mesmo lugar, se vê uma grande cruz lavrada e coberta de desenhos, na qual está gravada esta inscrição:

“Aqui murió el soldado de cabaleria Eusebio Gama en agzion di guerra – Ennero, 1– 1865” (sic).

Ao pé dessa cruz esteve por muito tempo atirado, como homenagem aos restos de quem ali descansava, um crânio com dois grandes talhos de espada.

Era o crânio de Gabriel Barbosa.

No dia 2 de janeiro os paraguaios entraram em Nioac. Aquela linda povoação estava deserta e em poucos minutos ficou reduzida a cinzas.

Em Miranda, daí a vinte e poucas léguas, nesse dia, a perturbação tinha tocado ao seu auge. Pela madrugada haviam chegado os restos desordenados do 1o corpo de caçadores, e tudo quanto morava nos arredores da vila afluíra para ela. A quantidade de índios terenos, laianos, quiniquinaus, guanás, guaicurus e até cadiuéos, que são, contudo, pérfidos e mal vistos, era considerável, todos a pedirem em altos brados armas e munições de que estava repleto o depósito de artigos bélicos, para correrem a se meter em emboscadas.

Uns propunham que se tratasse quanto antes da defesa, e aconselhavam duas esperas excelentes no Lalima e no Laranjal; outros declaravam qualquer tentativa de luta inútil e impossível, e só esperavam pela voz de debandada; outros, enfim, e entre os mais notáveis da vila, já nem esperavam por aquele sinal e tratavam de abarrotar de trastes as canoas e igarités em que pretendiam descer o rio Miranda, para demandarem a foz do seu afluente, o Aquidauana.

No meio da grita das mulheres, do chorar das crianças, das lamentações dos fracos, do vozear dos índios, dos conselhos desencontrados, das discussões calorosas, aqueles que deviam tomar providências para o bem geral e assumir a responsabilidade de uma resolução imediata, quer no sentido de resistência, quer no de pronta retirada, perderam a cabeça e deixaram-se arrastar pelo movimento da população, que, a 6 de janeiro, em peso abandonou Miranda na mais extraordinária confusão.

Nem sequer ficou indicado um ponto em que todos devessem se reunir. Uns seguiram em canoas a procurar refúgio nas matas do rio; o maior número, a pé, tomou a direção da serra de Maracaju, distante umas vinte léguas, e em cujas brenhas tinham tenção de se ocultar.

Os paraguaios porém vinham marchando muito vagarosamente; tanto assim que só a 12 de janeiro é que entraram na vila, que acharam quase que completamente saqueada. Eram os índios que, depois da dispersão do povo, haviam voltado e agarrado tudo quanto lhes aprouve, principalmente armamento e cartuxame.

O depósito continha, contudo, ainda grande número de armas e petrechos de toda a qualidade, que o inimigo tratou logo de arrecadar e de remeter para a república.

– Os brasileiros, diziam muitos paraguaios, cuidavam defender o seu território enchendo os cabides e espingardas e de lanças.

Uma vez de posse de Miranda, o coronel Resquin fez sair um bando que declarou haver daquele dia em diante passado todo o distrito a pertencer à república do Paraguai, debaixo do título de distrito militar de Mbotetiú, e convidou a população a recolher-se às suas casas sob pena de serem os recalcitrantes passados, sem apelo, pelas armas.

Naturalmente ninguém se apresentou.

Os fugitivos, que tinham descido por água, estavam então ocultos no lugar chamado Salobra, a duas léguas da vila, sujeitos a milhares de privações, e, o que mais doloroso era, dilacerados pela discórdia e pelas intrigas.

Tudo era motivo para recriminações e queixumes.

Debalde o vigário de Miranda, Fr. Marianno de Bagnaia, homem virtuoso e querido quer de brancos, quer de índios, tentava restabelecer a paz, tão necessária naquelas tristes conjunturas. Não era ouvido, e mais de uma vez viu-se desrespeitado.

O acampamento dos refugiados em pouco tempo tornou-se intolerável para muitos: uns tocaram as suas canoas para ir mais longe fazer rancho à parte; outros, em pequeno número, foram espontaneamente se apresentar aos paraguaios.

Entre estes figurava frei Marianno. O piedoso capuchinho sentia-se fraco e acabrunhado diante de tamanha desgraça, e as suas lágrimas corriam a miúdo ao lembrar-se de tudo quanto os índios, a quem chamava de filhos, estariam sofrendo, esparsos pelos montes, ou sem dúvida caídos em poder do inimigo.

Depois de haver penetrado no seu espírito a ideia de se entregar ao invasor e obter dele compaixão para todas aquelas vítimas – mulheres principalmente e débeis crianças –, não descansou um só instante, até ir, acompanhado do tenente João Faustino do Prado e do alferes João Pacheco de Almeida, se apresentar em Miranda no dia 22 de fevereiro de 1865.

Havia na vila uma razão que o atraía com força irresistível: era a igreja matriz que construíra com grande trabalho, empregando nela os seus magros vencimentos e tudo quanto conseguia da caridade dos fregueses.

Correr portanto a igreja para dizer missa foi o que fez logo frei Marianno, num estado de jubilo difícil de descrever. Quanto tempo havia passado longe daqueles altares, arredado de todos os objetos de seus extremos, de sua adoração!

As ruínas que por toda a parte o cercavam, casas derrubadas, a meio incendiadas, ruas atravancadas, por todos os lados sinais da destruição, nada o impressionava, nada lhe detinha os passos.

Ele voava para a sua matriz.

Aí também os esperavam destroços que tomavam o caráter de negro sacrilégio. As terras sem os sinos, os altares despidos dos santos ornatos, o teto esburacado, o chão coberto de caliça e caibros, as imagens mutiladas, de pronto feriram os olhos de frei Marianno.

Então todos os projetos de conciliação desapareceram-lhe da mente, e ele, transfigurado pelo desespero e pela indignação, no meio daquele templo esboroado fulminou com a sua excomunhão a todos os paraguaios.

A eloquência selvática do capuchinho aterrou os que o cercavam.

– Foram os Mbaiás[[1]](#footnote-1), gritou meio assombrado um deles.

– Não, não foram! Meus filhos não fariam isto, exclamou o frade cuja exaltação não achou limites senão quando de todo lhe faltaram forças para clamar vingança aos céus.

Na manhã seguinte teve ordem de prisão e pouco depois foi transferido para Assunção[[2]](#footnote-2)2. João Faustino do Prado e Pacheco de Almeida escaparam de igual sorte por se terem ausentado da vila no dia mesmo em que nela haviam entrado.

Que fim, porém, teriam levado os índios de Miranda durante todos aqueles inesperados sucessos?

Mais de dez aldeamentos regulares contava o distrito por ocasião da invasão paraguaia.

Os terenos, em número talvez superior a três mil indivíduos, estavam estabelecidos ao Naxedaxe, a seis léguas da vila, no Ipêgue, a sete e meia; e na Aldeia Grande, a três: os quiniquinaus no Agaxi, a sete léguas N. E.: os guanás, no Eponadigo e no Lauiád; os laianos, a meia légua – estes todos da nação chané. Dos guaicurus havia aldeamentos no Lalima e perto de Nioac. Quanto aos cadiuéos moravam em Amagalobida e Nabileke, também chamado Rio Branco.

Quando ecoou o primeiro tiro naquela vasta zona, cada tribo manifestou as suas tendências particulares. Nenhuma delas, porém, congraçou com o invasor. O castelhano era por todas considerados de longas eras como inimigo figadal e irreconciliável; umas, contudo, identificaram-se com as desgraças dos portugueses; outras se separaram deles; outras, enfim, começaram a hostilizar a gente de um e outro lado.

Guanás, quiniquinaus e laianos uniram-se intimamente com a população fugitiva; os terenos se isolaram, e os cadiuéos assumiram atitude infensa a qualquer branco, ora atacando os paraguaios na linha do Apa, ora assassinando famílias inteiras, como aconteceu com a do infeliz Barbosa, no Bonito.

Voltemos, porém, aos quiniquinaus.

Quando alguns soldados do 1o corpo de cavalaria passaram em debandada pelo Agaxi, a aldeia já estava sobresaltada.

– Que vamos fazer? Perguntou a um fugitivo o capitão dos quiniquinaus, Flavio Botelho. – Fujam todos. – Para onde? – Ninguém sabe, foi a resposta. Cada um por si, Deus por todos.

Flavio Botelho era um velho sem prestígio nem préstimo. Tinha um único merecimento: ser pai de duas lindíssimas moçoilas; no mais embriagava-se diariamente sem respeito algum pela patente que possuía e mostrava com grande orgulho, assinada por D. Pedro I.

Naquela dificultosa emergência ele esvaziou uma garrafa de aguardente e tratou de dormir.

A gente do Agaxi compreendeu que mais do que nunca estavam faltos de um chefe, e, por tácito acordo, deixando, contudo, as honras ao legítimo possuidor, trataram de escolher alguém que os soubessem dirigir.

Todas as adesões caíram sem discrepância em Pacalalá. Era o filho de Camirã. Tinha ele pouco mais de 20 anos; mas era um soberbo índio, cor de cobre vermelho, com feições angulosas, maçãs do rosto salientes, dentes acerados, olhos pequenos e inteligentes, queixo acentuado e denunciando energia.

Com tão pouca idade soubera conciliar o respeito dos seus e a amizade dos brancos. Era ele quem tomava a peito as queixas da sua gente nas relações com os moradores de Miranda, quem ia denunciar a frei Marianno as irregularidades dos contratos ou os desmandos que se davam na sua aldeia. Pedia providências num e noutro sentido; indicava-se acertadas, e conseguia de vez em quando algum resultado, conforme os interesses dos seus e como era de justiça. Soubera até em várias ocasiões franzir o sobrolho às autoridades da povoação, dispostas sempre a abusar, e, apoiado na boa vontade do frade capuchinho e no seu espírito de retidão, obteve que cessassem para os habitantes de seu aldeamento diversas medidas vexatórias a que estavam sujeitos os índios.

Uma vez Pacalalá teve notícias de que um quiniquinau, avelhentado e onerado de família, fizera com o juiz de paz de Miranda um contrato de locação de serviços por dois meses pelo preço de quatro mil réis, e mais uma garrafa de aguardente no fim de cada mês.

Sem demora partiu para a vila e recorreu a frei Marianno, que se apressou em saber da verdade.

Um papel em regra de acordo mútuo foi-lhe apresentado, e o índio declarou que o lavrara sem sugestões e de muito livre vontade.

Não havia recalcitrar.

Então Pacalalá adotou um expediente novo. Propôs a substituição do trabalhador, ficando de pé a letra do contrato.

Era um moço que tomava o lugar do velho, e, como tal juiz de paz não podia fazer negócio melhor, imediatamente aceitou a proposta, com grande aplauso do frade.

Pacalalá, que podia, como costumava, arranjar facilmente trabalho a 500 réis diários, esteve com toda a constância dois meses às ordens do contratante, e sem dúvida alguma fez serviço triplo ou quádruplo do índio que substituíra.

Findo o tempo convencionado, ele recebeu os quatro mil réis que deu de esmola para as obras da matriz, e levou as garrafas de aguardente para ofertá-las a Flávio Botelho, cuja filha mais bela lhe havia prendido o coração.

Em todo caso, se perdera dois meses de trabalho, em compensação o seu prestígio aumentou de um modo extraordinário.

– Os portugueses, diziam os velhos com aquele sorriso quase imperceptível que os índios têm, não podem com Pacalalá. Eles são velhacos como a jaguatirica, mas Pacalalá é como o lagarto que dá chicotadas sem ser visto.

Camirã tinha orgulho em ser mãe daquele filho, orgulho imenso, mas oculto no ádito de sua alma. Não só por índole, como pelos costumes dos seus, nunca deixara transparecer a afeição intensa que sentia por ele, nunca correra ao seu encontro ou o abraçara, quanto mais beijá-lo ou tecer-lhe elogios!

A mais completa reserva cercava o seu amor maternal, repassado, contudo, do mais profundo entusiasmo.

Se havia cabana bem construída, forte, era a dela; se alguém tinha comodidade de vida na aldeia não excedia a que desfrutava Camirã.

Da roça de seu filho vinha abundante colheita de abóboras, milho, arroz e feijão; várias galinhas cacarejavam diante de sua porta, e uma vaca com bezerro ao lado dava-lhe pela manhã leito a fartar.

Não havia dia em que Pacalalá voltasse dos seus trabalhos sem trazer para a mãe um cesto de carás ou de raízes de aipim, alguma fruta saborosa ou miolo açucarado da macaúba, que os índios chupam com delícia.

Às vezes a caçada diligente do rapaz fazia aparecer na refeição habitual a delicada carne da jaó, da aracuã, jacutinga e inambu; mas o preço da pólvora e do chumbo tornava raras essas ocasiões.

Quando Pacalalá vinha do roçado, Camirã, sem dizer palavra, tomava os alimentos e corria a prepará-los. Ele tirava as calças que lhe serviam para o giro habitual, embrulhava-se numa julata e ia deitar-se na rede de tiras de couro, a fumar num grande cachimbo de barro.

Assim ficava longas horas, fitando um ponto no chão e com o espírito em torpor.

As ideias de Pacalalá propendiam para o congraçamento com os habitantes de Miranda; entretanto eles punham sempre nossas relações.

– Cuidado com os portugueses, dizia ele para os seus quando consultado; são nossos iguais e não nossos amos. Nesta terra não deve haver duas gentes: uma que mande e outra que trabalhe. Todos devem trabalhar.

Uma vez ameaçou até vir ao Rio de Janeiro apresentar as suas razões de queixa e com isso produziu algum abalo no animo de uma das autoridades da vila, tão arbitraria quão subalterna.

– Se nos atormentarem muito, irei até a corte falar com o Imperador, que é o capitão grande. Eu sei que ele não quer que os índios sejam maltratados pelos portugueses.

Já se vê que Pacalalá tinha direito a mais consideração entre os quiniquinaus do que qualquer outro.

Se não reagia, pelo menos protestava sempre.

Era, porém, chegada a ocasião de justificar a confiança que inspirava, e ele não hesitou em aceitar a comissão que lhe impunham o respeito e a consideração de sua tribo naquela difícil emergência.

Sem perda de tempo, Pacalalá ordenou o abandono da aldeia do Agaxi. Separou mulheres, crianças e velhos, carregou-os de tudo quanto podia ser mais facilmente transportado e entregou esse grupo à direção de Flávio Botelho, que devia dirigir-se ao porto do Canuto, no rio Aquidauana, daí a oito léguas, para embrenhar-se depois na serra de Maracaju.

A romaria partiu; não sem alarido, imprecações e gemidos. As velhas sobretudo levantavam uma grita da mais completa desesperação.

Iam levando à cabeça enormes trouxas, móveis até, ou vergadas ao peso do nado, grande rede de malhas em forma de sacos suspensa por uma tira de couro que aplicam de encontro à testa.

Depois de deserta a aldeia, Pacalalá reuniu trinta homens validos e à frente deles marchou para Miranda a saber o que convinha fazer.

A estrada do Agaxi para a vila estava cheia de fugitivos, índios em grupos, outros isolados, homens montados a correrem, velhos a se arrastarem de cansados, crianças perdidas, mulheres desamparadas e famílias inteiras, umas a pé, outras metidas em carros de bois, que caminhavam aguilhoados por impaciente ferrão.

Toda a população estava em movimento e, coisa digna de reparo, nessa ocasião desastrosa, não se davam fatos de violências, roubos e assassinatos, tão fáceis no meio da desordem geral.

– Para onde vão vocês? Perguntou a Pacalalá um mineiro, que desanimado da morosidade dos seus bois de carro estava parado ao meio da estrada, cercado da família em pranto.

– Para Miranda, respondeu o índio.

– Pois então me levem a minha mulher e estas três crianças. Todas andam bem a pé e depois de amanhã estou batendo na vila. Fico para esconder o meu trem no mato.

O quiniquinau aceitou a incumbência e, acolhendo sob sua proteção a família do mineiro, com ela entrou em Miranda.

A vila estava, como dissemos, entregue à maior anarquia.

Pacalalá compreendeu logo que não havia tenções de resistir e que toda demora importava aumento de perigo; entretanto, como era preciso armar os seus e as autoridades não distribuíam, nem queriam distribuir armamento e munições, esperou que os moradores se retirassem.

No dia 8 de janeiro não havia mais um só habitante, e um depósito imenso de artigos bélicos ficava entregue ao saque dos índios, antes de passar para o poder dos paraguaios.

Eis porque nas mãos de terenos, quiniquinaus, laianos, guanás, guaicurus, cadiuéos, beaquiéos e outros viam-se excelentes clavinas e muita pólvora e bala durante todo o tempo da ocupação do distrito.

Com a sua gente municiada, Pacalalá dirigiu-se então para o porto do Canuto e capitaneando a tribo subiu a serra de Maracaju pelo lado o mais íngreme e foi estabelecer acampamento na belíssima chapada que coroa aquelas alturas.

A esse mesmo planalto, mas por caminhos diferentes, haviam já chegado muitos fugitivos, entretanto como ela era coberta em toda a superfície de mato virgem e vigoroso, diversos núcleos foram se formando, sem que comunicassem logo uns com os outros.

Estavam-se aí livres de perseguição paraguaia, mas quanto sofrimento, quanto desespero, para toda aquela infeliz gente sem outro alimento mais do que palmitos, cocos, frutos da mata, mel de abelhas e uma ou outra caça, essa mesma comprada a peso de ouro!...

Os que tinham iniciativa trataram logo de derrubadas para entregar à terra as sementes que haviam cuidadosamente trazido consigo e preparar assim um futuro melhor.

Entre esses achou-se Pacalalá, por cujos conselhos todos os quiniquinaus cuidaram prontamente de roçar e de plantar, pelo que foram os primeiros que conheceram a abundância de cereais.

Na verdade a terra como que pareceu querer ajudar os pobres refugiados que só de uma boa colheita podiam esperar lenitivo para tantos males. O grão que nela caiu achou-se em breve multiplicado de uma maneira maravilhosa, e todos quantos galgaram a serra e se ocultaram em suas ombrosas dobras tiveram em pouco tempo mantimentos de sobra, muito além das mais exageradas esperanças.

Houve até um branco de Miranda que, plantando meio alqueire de milho, colheu mais de duzentos, e de uma quarta de feijão tirou perto de quarenta alqueires!

A uberdade do solo era espantosa. Qualquer clareira no mato, aberta é verdade com muito trabalho e a poder do machado muitas vezes manejado por mãos de mulheres e crianças, tornava-se ponto em que parecia cair o maná do céu.

Também não tardou muito que toda a colônia brasileira aí estabelecida de mistura com índios quiniquinaus, guanás, terenos e laianos, gozasse de bastantes recursos para considerar de ânimo mais calmo as desgraças que acabavam de sofrer o poder com paciência esperar pelo final da guerra que os paraguaios tão imprevista quão deslealmente haviam encetado.

Nos diversos lugares da serra em que havia moradores e que tomaram o nome de acampamentos, construíram-se ranchos vastos e cômodos, e pouco e pouco regularizou-se o modo de viver.

Para aumentar até aquela repentina prosperidade, veio um casal de galinhas, trazido com muita cautela de Miranda por um índio, que lá se introduziu á noite, dar uma produção vigorosa e em tão grande número que ano e meio depois, contavam-se alguns possuidores de centenares de cabeças de criação.

Nos morros – assim se ficou chamando o lugar – a boa paz presidiu as relações de todos, e em honra ao espírito da população de Mato Grosso pode se afiançar que nenhuma cena de violência, durante todo o tempo de exílio, lembrou que havia totalmente desaparecido o império das leis e a proteção das autoridades.

Os índios, em número décuplo dos brancos e que podiam, como recearam a princípio muitos, libertar-se com estrondo da tutela em que haviam vivido, se ficaram um pouco mais altanados e independentes, nem por isso praticaram desmandos nem se aproveitaram das ocasiões para reações às vezes justificadas.

Entretanto a nomeada da fartura existente nos Morros ia atraindo para lá os fugidos do distrito, de modo que em fins de 1865 estavam eles quase todos reunidos na chapada da serra de Maracaju.

O país, desde os pantanais do Cochim até o rio Apa de um lado, e de outro desde o Paraguai até os campos de Camapuã e Vaccaria, ficara entregue aos paraguaios que rondavam sobretudo a área compreendida entre os pontos do Souza, Espenidio, Foquilha, Nioac, Ariranha e Esbarrancado, onde mantiveram, até agosto de 1866, importantes destacamentos.

Por entre essas rondas passavam à noite os índios quando desciam da serra para vir laçar rezes na planície e ajouja-las com outras mansas, tangendo-as assim para os acampamentos.

Com essas expedições repetidas sempre com êxito, apesar da vigilância dos inimigos, abasteciam-se de carne fresca e seca ao sol todos os moradores dos Morros, que então só se podiam queixar da falta de sal, essa mesma até certo ponto minorada pela exploração dos barreiros e terrenos salitrosos, tão abundantes em todo o sul de Mato Grosso.

Pacalalá tinha-se formado uma verdadeira especialidade na obtenção de bois para o corte. Era o mais ousado em descer à planície, ficando ali sem receio dias inteiros a escolher as rezes que contava agarrar. Com alguns companheiros bem armados chegou a levar oito e mais animais, tendo sempre a cautela de esconder as suas pegadas ou de deixá-las aparentes, quando nisso via vantagem.

Uma voz porém, em princípios de 1866 foi perseguido de perto por uma ronda paraguaia.

Seis quiniquinaus tocavam umas rezes encambulhadas, quando Pacalalá reconheceu que iam ser atacados. O lugar, porém, prestava-se á resistência: era já na fralda da montanha e a trilha de subida serpeava por denso matagal de taquarissima.

Destacando dois índios para continuarem a tanger o gado, Pacalalá com os outros esperou a ronda num angusto pedregoso, e de um tiro certeiro derrubou o paraguaio que vinha abrindo caminho na frente dos mais soldados.

A ronda recuou precipitadamente, deixando como troféus de vitória não só o cadáver do companheiro como o cavalo que montava.

Grave agitação produziu nos acampamentos dos Morros a chegada de Pacalalá todo cheio de seu triunfo e trazendo atado à cauda do animal o corpo do inimigo.

Uns possuíram-se pavor tal, cuidando num próximo e formal ataque dos paraguaios, que, abandonando os seus ranchos e roçados, atiraram-se pelas matas a procurar novo refúgio: outros, pelo contrário viram nesse sucesso maior garantia para a sua segurança e cobriram o vencedor de felicitações e elogios. Sobre o cadáver do paraguaio, exercitou-se a alegria selvática de todos os índios: cada qual à porfia vinha embeber nas carnes pisadas pelo arrastamento facões e espadas, e o corpo espicaçado, mutilado e já sem forma foi por fim atirado aos cães e corvos.

Como consequência daquele encontro tornaram-se as descidas dos Morros mais frequentes e ousadas, e os paraguaios mais cautelosos e receosos de emboscadas e estratagemas. Pacalalá ia já pescar no rio Aquidauana distante umas 16 léguas e ficava muitos e muitos dias entretido em preparar e secar os saborosos pacus, que abundam naquele rio. Era isso tanto mais arriscado quanto vigiadas pelas rondas dos paraguaios as margens do caudal, a que davam o nome de Rio Branco e que impunham como divisa de novo distrito anexado à república sob o titulo de Mbotetiú.

As temeridades do quiniquinau deviam necessariamente trazer um novo encontro e esse deu-se com proporções tão vastas em relação aos que nele se empenharam que pode ser considerado como o feito de guerra mais importante durante todo o período de ocupação.

Foi em maio de 1866.

No porto de D. Maria Domingas à margem direita do rio Aquiadauana, existia um extenso canavial que era o objeto da cobiça dos índios muito inclinados às substâncias açucaradas.

Pacalalá formou o projeto de ir fazer rapaduras no próprio lugar e, convidando seis quiniquinaus e dez terenos, pode encetar com felicidade o seu trabalho.

Passaram-se alguns dias sem novidade, mas ou pelo natural abandono de medidas cautelosas quando nada parece dever prescrevê-las, ou por casualidade, foram os índios, sem o saberem, pressentidos por uma ronda inimiga, que rodeou em distância a mata e mandou pedir reforço ao posto do Souza, daí a 6 léguas.

Vieram perto de duzentos homens. Os índios, quando se viram cercados, desanimaram. Foi necessário que Pacalalá, correndo de um em um, os incitasse, mostrasse-lhes a vantagem da posição e enfim a necessidade de se defenderem de quem por certo não daria quartel a nenhum deles.

Armas não lhes faltavam, nem munições nem destreza. Cumpria, pois, não fraquear e não desperdiçar tiros. Avançando então para a orla da mata, Pacalalá colocou cada companheiro atrás de árvores grossas e aconselhou-lhes pegar bem a pontaria antes de fazerem fogo.

Os paraguaios estavam a pouca distância formados em linha na planície, assim pois os primeiros tiros derrubaram de uma vez para mais de uma dúzia deles. Responderam com uma descarga geral, cujas balas foram só varar troncos e cortar galhada.

Os índios recuaram então, ganhando o interior da mata. Perseguidos por uma companhia de infantaria acolheram-na por modo tal que a obrigaram a retroceder.

Pacalalá multiplicara-se durante a ação: em toda parte se achava para exaltar o ânimo de cada combatente e melhor aproveitar os esforços e crescente entusiasmo dos seus comandados.

Mas, quando o inimigo se retirou aterrado, levando os feridos e mortos e supondo haver-se batido contra uma tribo de endiabrados, Pacalalá, o valente, a gloria dos quiniquinaus, o orgulho de Camirã, não pode cantar vitória.

Ao passar de uma árvore para outra, uma bala o tocara no meio da testa e o atirara sem vida no chão.

Essa morte, no fim do combate, encheu os índios de pavor e, quando a noite caiu, eles fugiram todos sem levar sequer uma das rapaduras que tão caro lhes havia custado.

Apenas chegou a infausta notícia aos aldeamentos dos Morros, levantou-se uma grita imensa. As moças quiniquinaus cortaram logo os cabelos na altura das orelhas e tiraram de si qualquer enfeite de ouro e prata que ainda conservavam.

A choupana de Camirã foi invadida e nela se ergueram gritos agudíssimos, soltos pelo mulherio e crianças.

A desgraçada mãe parecia esmagada pela dor. Nem sequer podia, como é de uso entre os seus, guiar as lamentações e contar as proezas e virtudes do morto.

Estava aniquilada.

Com a cabeça pensa sobre o peito, nada via, nada ouvia. Não chorava, não podia chorar, mas desde aqueles momentos sentiu que não podia mais viver.

É num estado de quase completo definhamento que encontramos Camirã no princípio desta narração verídica em quase todo os pontos e que terá o merecimento de falar, pela primeira e talvez única vez, na história do quanto sofreram os refugiados de Miranda, e sobretudo nas façanhas do desconhecido Pacalalá.

O combate do porto de Maria Domingas – que combate deve ser o qualificativo adequado àquele encontro – fez com que, durante muitos meses, cessassem as correrias dos índios até as planícies e mata do Aquidauana.

Afinal recomeçaram elas, e um terena achou-se com coragem para se arriscar até o lugar em que havia valentemente guerreado.

Trouxe a notícia de que o cadáver de Pacalalá não sofrera decomposição, mas estava seco e mirrado como se fora uma múmia[[3]](#footnote-3).

Com isso novamente alvorotou-se o aldeamento quiniquinau. Foram gritos horríveis, gemidos, ululações que se ouviram em distância considerável.

Camirã, que passara todo aquele tempo, longos e longos meses, mergulhada na dor que a ia matando, foi consultar um feiticeiro e saber o que significava aquilo.

O nigromante declarou-lhe positivamente que aquele corpo, enquanto não fosse enterrado, reteria em duro cativeiro a alma de Pacalalá.

Então Camirã tomou inabalável resolução: ir entregar o cadáver do filho a terra. Sem dizer nada a ninguém, desapareceu da aldeia. Caminhou, ou melhor arrastou o débil corpo até o porto de D. Maria Domingas. Quando avistou aquele cadáver amado, pareceu-lhe que a natureza toda, as árvores, os montes, os rios, soltavam um brado uníssono de agonia, e que o seu coração era o único e imenso eco.

Caiu desfalecida... Quantas horas ficou assim, ninguém sabe. Depois se ergueu a muito custo. Não levara alimento algum. Nem tampouco ferro com que abrir a cova em que devia deitar o guerreiro morto. Com um pau e mais ainda com as unhas cavou um pouco o chão e já quase sem forças suspendeu o cadáver ressecado e o estendeu no leito derradeiro que lhe preparara. Quando Camirã começou a empurrar a terra solta, os seus braços, finos como gomos de caniço, recusaram-se ao movimento; o seu corpo dobrou-se todo e ela, inerte, moribunda, caiu sobre aquela sepultura mal fechada. Ainda nos derradeiros e desacordados estremecimentos, as suas mãos convulsas chamavam a terra para junto de si. A noite envolveu no manto misterioso das sombras as últimas dores daquele coração, e quando o sol, na manhã seguinte, irrompeu deslumbrante, os seus raios não iluminaram mais a mãe ao lado do filho, mas tão somente dois cadáveres que, ao calor que deles recebiam, iam-se fundir no gigantesco cadinho que se chama a natureza!

*FIM DE CAMIRÃ, A QUINIQUINAU*

**TABIRA [POESIA AMERICANA]**

*Les peaux rouges, plus nobles, mais plus infortunées que les peaux noires, que arriveront um jour á Ia liberte par l'esclavage, n'ont d'autre recours que Ia mort, parce que leur nature se refuse à Ia servitude.*

*\* \* \**

I  
  
É Tabira guerreiro valente,  
Cumpre as partes de chefe e soldado;  
É caudilho de tribo potente,  
— Tobajaras — o povo senhor!  
Ninguém mais observa o tratado  
Ninguém menos de p’rigos se aterra,  
Ninguém corre aos acenos da guerra  
Mais depressa que o bom lidador!  
  
II  
  
Seu viver é batalha aturada,  
Dos contrários a traça aventando;  
É dispor a cilada arriscada,  
Onde o inimigo se venha meter!  
Levam noites com ele sonhando  
Potiguares, que o viram de perto,  
Potiguares, que asselam por certo  
Que Tabira só sabe vencer!

III  
  
Mil enganos lhe tem já tecido,  
Mil ciladas lhe tem preparado;  
Mas Tabira, fatal, destemido,  
Tem feitiço, ou encanto, ou condão!  
Sempre o plano da guerra é frustrado,  
Sempre o bravo fronteiro aparece,  
Que os enganos cruéis lhes destece,  
Face a face, arco e setas na mão.  
  
IV  
  
Já dos Lusos o trôço apoucado,  
Paz firmando com ele traidora,  
Dorme ileso na fé do tratado,  
Que Tabira é valente e leal.  
Sem Tabira do Lusos que fora[?]  
Sem Tabira que os guarda e defende,  
Que das pazes talvez se arrepende  
Já feridas outrora em seu mal!  
  
V  
  
Chefe stulto d´um povo de bravos,  
Mas que os piagas vitórias te fadem,  
Hão de os teus, miserandos escravos,  
Tais triunfos um dia chorar!  
Caraíbas tais feitos aplaudem,  
Mas sorrindo vos forjam cadeias,  
E pesadas algemas, e peias  
Que traidores vos hão de lançar!  
  
VI  
  
Chefe stólido, insano, imprudente,  
Sangue e vida dos teus malbaratas?!  
Míngua as forças da tribo potente,  
Vencedora da raça Tupi!  
Hão de os teus, acossados nas matas,

Mal feridos, sangrentos, ignavos,  
Não podendo viver como escravos,  
Dar o resto do sangue por ti!  
  
VII  
  
Vivem homens de pel’cor da noite  
Neste solo, que a vida embeleza;  
Podem, servos, debaixo do açoite  
Nênias tristes da pátria cantar!  
Mas o índio que a vida só preza  
Por amor dos combates, e festas  
Dos triunfos sangrentos, e sestas  
Resguardadas do sol no palmar;  
  
VIII  
  
Ocioso, indolente, vadio,  
Ou ativo, incansável, fagueiro;  
Já nas matas, no bosque erradio,  
Já disposto a lutar, a vencer;  
Ama as selvas, e o vento palreiro,  
Ama a glória, ama a vida; mas antes  
Que viver amargados instantes,  
Quer e pode e bem sabe morrer!  
  
IX  
  
Eia, avante! Ó caudilho valente!  
Potiguares lá vem denodados;  
Numero concurso de gente,  
Ninguém viu nestas partes assim!  
Poucos são, mas briosos soldados;  
Não são homens de aspecto jocundo!  
Restos são, mas são restos d´um mundo;  
Poucos são, mas soldados por fim!  
  
X  
  
Os seus velhos disseram consigo,  
Discutindo os motivos da guerra:  
“É Tabira — cruel, inimigo,  
Já nem crê, renegado, em Tupã!”  
Pés robustos lá batem na terra,  
Pó ligeiro se expande nos ares:  
Era noite! – milhar de milhares  
São armados, mal rompe a manhã.  
  
XI  
  
Vem soberbos, — o sol luz apenas!  
Confiados, galhardos, lustrosos,  
Vêm bizarros nas armas, nas penas,  
Atrevidos no acento e na voz!  
Um dentre eles dos mais orgulhosos,  
Sobe à pressa nas aspas d´um monte,  
Dali brada, postado defronte  
De Tabira — com jeito feroz:  
  
XII  
  
“Ó Tabira, Tabira! aqui somos  
A provar nossas forças contigo;  
Dizes tu que vencidos já fomos!  
Di-lo tu, não no diz mais ninguém.  
Ora eu só a vós todos vos digo:  
Sois cobardes, irmãos de Tabira!  
Propagastes solene mentira,  
Que vencer não sabemos tão bem.  
  
XIII  
  
“Para o vosso terreiro vos chamo,  
Contra mim vinde todos, — sou forte:  
Acorrei ao meu nobre reclamo!  
Aqui sou, nem me parto daqui!  
Vinde todos em densa coorte:  
Travaremos combate sangrento,  
Mas por fim do triunfo cruento  
Direis vós se fui eu quem menti.”  
  
XIV  
  
Disse o arauto: eis a turba ufanosa  
Lhe responde, arco e setas brandindo,  
Pés batidos, voz alta e ruidosa:  
— Bem falado, ó guerreiro, mui bem!  
Assim é mas Tabira rugindo,  
Ressentido de ofensas tamanhas,  
O rancor mal encobre das sanhas,  
Que não lava no sangue de alguém.  
  
XV  
  
Raso outeiro ali perto se of’rece:  
Vinga-o prestes, hardido, açodado!...  
Como leiva de pálida messe,  
Já madura, tremendo no pé;  
Todo o campo descobre ocupado  
Por guerreiros, — no extremo horizonte  
Não distingue nas faldas do monte,  
O que é gente, o que gente não é.  
  
XVI  
  
Não se abala o preclaro guerreiro,  
Do que vê seu valor não fraqueia;  
Diz consigo: “Um só golpe certeiro  
Vai de todo esta raça apagar!  
Juntos são, mas são meus!” — Já vozeia;  
Logo os seus lhe respondem gritando,  
Tais rugidos, tais roncos soltando  
Que aos seus próprios deveram turbar!  
  
XVII  
  
Diz a fama que então de assustadas  
Muitas aves que o espaço cruzavam,  
De pavor subitâneo tomadas,  
Descaíam pasmadas no chão:  
Já com silvos e atitos voavam  
Muitas outras, que o triste gemido  
No conflito, abafado e sumido,  
Talvez deram, — mas fraco, mas vão!  
  
XVIII  
  
Eis que os arcos de longe se encurvam,  
Eis que as setas aladas já voam,  
Eis que os ares se cobrem, se turvam,  
De frechados, de surdos que são.  
Novos gritos mais altos reboam,  
Entre as hostes se apaga o terreno,  
Já tornado apoucado e pequeno,  
Já coberto de mortos o chão!  
  
XIX  
  
Peito a peito encontrados afoitos,  
Braço a braço travados briosos,  
Fervem todos inquietos, revoltos,  
Qu’indecisa a vitória inda está.  
Todos movem tacapes pesados;  
Qual resvala, qual todo se enterra  
No imigo que morde na terra,  
Que sepulcro talvez lhe será.  
  
XX  
  
“Mas Tabira! Tabira! Que é dele?  
Onde agora se esconde o pujante?”  
— Não no vedes?! — Tabira é aquele  
— Que sangrento, impiedoso lá vai!  
— Vê-lo-eis andar sempre adiante,  
— Larga esteira de mortos deixando  
— Trás de si, como o raio cortando  
— Ramos, troncos do bosque, onde cai. —  
  
XXI  
  
“Foge! Foge! Leal Tobajara;  
“Quantos arcos que em ti fazem mira?!”  
— Muitos são; porém medos encara  
— Face a face, quem é como eu sou! —  
Muitas setas cravejam Tabira:  
Belo quadro! — mas vê-lo era horrível!  
Porco-espim que sangrado e terrível  
Duras cerdas raivando espetou!  
  
XXII  
  
Tem um olho dum tiro frechado!  
Quebra as setas que os passos lh’impedem,  
E do rosto, em seu sangue lavado,  
Frecha e olho arrebata sem dó!  
E aos imigos que o campo não cedem,  
Olho e frecha mostrando extorquidos,  
Diz, em voz que mais eram rugidos:  
— Basta, vis, por vencer-vos um só!  
  
XXIII  
  
E com fúria tão grande arremetem,  
Com despego tão nobre da vida;  
Tantos golpes, tão fundos repetem,  
Que senhores do campo já são!  
Potiguares lá vão de fugida,  
Inda à fera mais torva e bravia  
Disputando guarida d´um dia  
No mais fundo do vasto sertão!  
  
XXIV  
  
Potiguares, que a aurora risonha  
Viu nação numerosa e potente,  
Não já povo na tarde medonha,  
Mas só restos d´um povo infeliz!  
Insepultos na terra inclemente  
Muitos dormem; mas há quem lh’inveja  
Essa morte do bravo em peleja,  
Quem a vida do escravo maldiz!  
  
XV  
  
“Este o conto que os Índios contavam,  
A desoras, na triste senzala;  
Outros homens ali descansavam,  
Negra pel´; mas escravos tão bem.  
Não choravam; somente na fala  
Era um quê da tristeza que mora  
Dentro d’alma do homem que chora  
O passado e o presente que tem!"

**© GONÇALVES DIAS**  
*In Segundos Cantos, 1848*

**III.1. Desejo**

**Fagundes Varela (*Cantos e Fantasias*)**

Quando eu morrer adornem-me de flores,

Descubram-me das vendas do mistério,

E ao som dos versos que compus carreguem

Meu dourado caixão ao cemitério.

Abram-me um fosso no lugar mais fresco,

Cantem ainda, e deixem-me cantando;

Talvez assim a terra se converta

De suave dormir num leito brando.

Em poucos meses far-me-ei poeira,

Porém que importa, se mais pura e bela

Minh' alma livre dormirá sorrindo

Talvez nos raios de encantada estrela.

E lá de cima velarei teu sono,

E lá de cima esperarei por ti,

Pálida imagem que do exílio escuro

Nas tristes horas de pesar sorri!

Ah! e contudo se deixando o globo

Ave ditosa eu não partisse só,

Se ao mesmo sopro conduzisse unidas

Nossas essências num estreito nó!...

Se junto ao leito das finais angústias,

Da morte fria ao bafejar gelado

Eu te sentisse junto a mim dizendo:

São horas de marchar, eis-me a teu lado.

Como eu me erguera resoluto e firme!

Como eu seguira teu voar bendito!

Como espancara co' as possantes asas

O torvo espaço em busca do infinito!

**III. 2. Quando eu morrer**

***Mário Quintana***

Quando eu morrer e no frescor de lua

Da casa nova me quedar a sós,

Deixai-me em paz na minha quieta rua...

Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos

Que andei tentando endireitar em vão...

Que linda a Eternidade, amigos mortos,

Para as torturas lentas da Expressão!...

Eu levarei comigo as madrugadas,

Pôr-de-sóis, algum luar, asas em bando,

Mais o rir das primeiras namoradas...

E um dia a morte há de fitar com espanto

Os fios de vida que eu urdi, cantando,

Na orla negra do seu negro manto...

**PROPOSTAS DE ANÁLISE**

*LB 3 – Noturno – Vagner Camilo*

1. *Análise do conto* "CAMIRÃ, A QUINIQUINAU", de Taunay
2. **Contextualização**
   1. Quais as afinidades e diferenças com as principais obras indianistas comentadas em sala?
   2. A questão do nacionalismo está posta? Justifique.
   3. A que época remete o conto? Quais as forças em confronto?
   4. Há traços característicos do romantismo que podem ser destacados? Justifique.
3. **Narrador**
   1. Qual o foco narrativo?
   2. Como você caracterizaria a atitude do narrador em relação a personagens, acontecimentos, paisagens e costumes?
4. **Pacalalá**
   1. Compare o retrato de Pacalalá com os dos demais líderes indígenas do romantismo gonçalvino e alencariano.
5. **Igreja**
   1. Qual personagem no conto a representa?
   2. Qual sua partipação ou posição diante dos conflitos narrados?
   3. Qual imagem que dele se tem no conto?
6. **Indígenas**
   1. Quais comunidades indígenas comparecem no conto? Qual a de maior destaque?
   2. Como se dá a aparição dessas comunidades e como elas agem e se posicionam em relação ao conflito ou aos contendores?
   3. O que as liga à chapada da serra de Maracaju? Como você avalia o que se constituiu aí?
7. **Camirã**
   1. Caracterize o modo de ser e as atitudes de Camirã para com Pacalalá?
   2. Compare o tipo de relação entre esses dois personagens com a que aparece em "I-Juca Pirama”.
   3. Como era sua vida antes e depois dos principais acontecimentos narrados no conto.
   4. Descreva sua aparição final.
   5. Por que a ela foi dado o título do conto?

*Orientações:*

1. *pesquisar referenciais históricos presentes no conto;*
2. *buscar sempre fundamentar as respostas citando passagens do texto (ou parafraseando-as);*
3. *as respostas não precisam corresponder aos sub-itens, mas podem corresponder aos seis grandes blocos.*

1. Nome geral que os paraguaios dão aos índios de Mato Grosso. [↑](#footnote-ref-1)
2. Frei Marianno esteve sempre em rigoroso cárcere, e só foi salvo no dia 12 de agosto de 1869 pelos brasileiros depois da batalha de Campo Grande. [↑](#footnote-ref-2)
3. Deu-se este fato com diversos cadáveres, índios e paraguaios, devido naturalmente à natureza eminentemente salina de todo o terreno do distrito de Miranda e principalmente das margens do Aquidauana. [↑](#footnote-ref-3)